

Um tempo a sós com Jesus Pr. Harry Tenório

João 8:4 ***“disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério”.***

Introdução

Vencer a queda parece não ser impossível. Difícil mesmo é conseguir vencer a dor emocional depois da queda.

Em um texto muito conciso e lacônico, registrado desta forma pelo evangelista Mateus (26.14-16), somos informados do momento da queda de um dos mais projetados discípulos de Jesus, Judas Iscariotes.

Os chefes da sinagoga convidaram-no para uma tentativa de suborno. Ofereceram 30 moedas de prata pela indicação do Messias. Todos conheciam Jesus em Israel, ele era a figura mais comentada em qualquer roda de amigos, a indicação cumpria apenas o papel desejado pelo inimigo de fragilizar as emoções do mestre. Seria vendido e entregue pelo preço de um escravo por um amigo muito íntimo.

O restante da história da traição é muito fugaz. Ao tomar conhecimento da condenação sofrida por Jesus, Judas volta ao local da queda movido por remorso. Com o saco das trinta moedas de prata na mão vai devolvê-las aos chefes da sinagoga fazendo a confissão de “que havia traído sangue inocente”. Diante daqueles que o induziu a queda recebeu como resposta a insensibilidade: ***“Que nos importa isto agora? A responsabilidade é exclusivamente sua”.*** Voltar ao local da queda, tentar sozinho remediar seu dilema, fazer confissão da sua vergonha e dor diante daqueles líderes religiosos insensíveis não produziu efeito benéfico algum. A simples possibilidade de ser o fio condutor da energia diabólica que levaria Jesus ao calvário desfigurou para sempre alma de Judas. Jamais se levantaria daquela queda, jamais experimentaria a doce e restauradora experiência do perdão divino.

O saco com as moedas ficou ali jogado por longos minutos dentro do templo enquanto os sacerdotes discutiam seu destino, enquanto isto o destino do ex-apóstolo será escolhido por ele próprio: sai correndo para enforcar-se.

Hoje queremos contar uma história com o final bem melhorado em relação a este. Ele é fruto de um tempo a sós com Jesus.

1) A dor que angustiava a adúltera

Os despenhadeiros da vergonha são profundos. Os desfiladeiros da culpa são infindáveis. Os gritos de ***“você não deveria ter ido tão longe, não tinha o direito de descer a um abismo tão profundo”*** retinem na mente como o som repetitivo do pêndulo de um sino. ***Esquecer a tragédia da queda por longas horas parece ser impossível.*** Como apagar o mal feito? Como nos livrar da mancha do pecado que nos tinge para sempre?

Se o problema da culpa fosse simples, bastava uma retratação. Um pedido de perdão. Uma confissão pública de arrependimento. Há momentos que a nossa vergonha



é particular. Mesmo sabendo fazer o certo, fomos induzidos ao erro infantilmente. Em outros momentos tudo é público, irremediavelmente nossa vergonha se torna conhecida de todos.

Assim é a história da nossa personagem de hoje.

Sua trajetória de vida agora havia sido brutalmente interrompida pela gravidade do seu erro. Ali está ela caída, vencida, com o olhar no chão temendo o futuro trágico que lhe aguardava há poucos minutos.

“Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando” (João 8.4)

Foi apanhada... adulterando. As portas da vergonha haviam sido abertas subitamente sobre a vida desta mulher. Fora apanhada ali no próprio ato, arracaram-lhe subitamente da cama onde o pecado estava sendo consumado. Não haviam álibis, nenhuma defesa poderia ser feita.

Num instante foi arrancada da paixão privada para o espetáculo da vergonha pública. Todos apareciam nas janelas do quarto para ver aqueles homens arrastando pelos cabelos à mulher adúltera a caminho da sinagoga. Na cabeça de todos os homens que contemplavam aquele dia trágico na trajetória de vida daquela mulher um grito em coro de **“Bem Feito”** era liberado. O coro fechava com o estribilho que dizia **“morra para servir de exemplo as outras mulheres”**.

A partir daquele momento não importava o nome de batismo daquela mulher, seria para sempre conhecida como “a mulher adúltera”. Todos comentariam sobre seu fim trágico dizendo: “colheu o que plantou”.

Os nossos fracassos morais são facilmente lembrados.

O que a mulher fez foi vergonhoso. Mais o que os fariseus fizeram foi desprezível.

- A lei dizia que se uma mulher fosse pega por duas testemunhas no ato do adultério poderia ser acusada.
- O que aconteceu ali, no entanto foi uma emboscada. Havia dezenas de fariseus preparados para surpreender aquela mulher e levá-la ao Messias. Nada havia sido casual, tudo fora produzido.
- “Na lei, nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas. Porém tu o que dizeis?”

Como eram convencidos os membros deste nobre comitê de ética?
Muito orgulhosos de si mesmos, da vida pura que levavam estes agentes da retidão!
Este era um dia inesquecível na mente destes puritanos de plantão. Era o dia que conseguiram derrotar o Nazareno.

A pobre mulher ali era apenas a isca. Alguém que foi parte necessária na armação do plano, que depois de usada poderia ser descartada. Quem se importava com sua dor? Que importaria se foi sacrificada ou não? Após ser usada poderia sim ser descartada como um objeto sem valor.



2) Nem Deus me socorre desta

O pensamento obsessivo que tomava conta daquela mulher era o da inevitabilidade da tragédia. Fui apanhada em flagrante de adultério por dezenas de testemunhas, nem Deus pode fazer nada por mim. Sob o impacto da vergonha nem se dera conta trama diabólica que a envolvia naquele momento.

A quem recorrer em um momento assim?

Um advogado de defesa? Não havia alibi de sustentação para defesa!

Tentar correr? Mais como? Desnuda como se encontrava logo seria novamente apanhada.

Procurar os direitos humanos reclamando de maus tratos? Mais que direito em uma sociedade que jamais privilegiou as mulheres?

Só me resta Deus. Bem, mais foi ele quem editou e promulgou esta lei do apedrejamento para as adúlteras na sua palavra!

A quem recorresse naquela hora, não encontrava possibilidade do conforto emocional do socorro.

Estava encurralada!

Você algum dia já se sentiu assim? Vitimada pelas suas próprias decisões? Já tentou encontrar socorro em todas as vertentes e não encontrou? O salmista um dia se sentiu assim. Completamente vencido pensava: **Salmos 121:1 “Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro?”**

Há grande expectativa na reação de Jesus.
Será que ele ficaria do lado da mulher, se posicionado contraditoriamente do lado do pecado?
Ou será que insensível à dor daquela pobre pecadora decretaria o apedrejamento?
Poderia se utilizar dos mesmos carros e cavalos de fogo que transportaram Elias(2 Rs 2.11) ao céu, para livrar a vida desta pobre pecadora?

O que faz Jesus quando nos encontramos desesperadamente perdidos?

Ele escreve na areia para que o vento logo apague o que foi escrito naquele dia trágico na vida daquela pobre pecadora.

Quando ele desejou escrever mandamentos que produziram a vida de Deus em nós, ele o fez com pedras. Mais agora quando o momento era tragicamente vergonhoso para a vida daquela mulher ele escreve na areia.

Algum dia você já pensou que o que foi escrito sobre a história da sua vida não poderia ser apagado? Algum dia você pensou que jamais seria reconstruída tamanha a gravidade dos seus erros? Nestes dias, são os dias que Deus escreveu na areia. O vento passa e tudo muda. Nenhuma lembrança do que aconteceu fica.

3) Ele ordena o apedrejamento

Surpreendentemente ele não atenua a tensão daquela mulher. Ele não revoga a lei de Moisés. Ele ordena a execução sumária e imediata daquela pobre pecadora.



“Aquele que dentre vós está sem pecados, atire a primeira pedra contra ela”(7).

Ah queridos! Jesus derruba aquela trupe de insensíveis do altar da retidão. Ele os iguala e nivela tão pecadores quanto aquela mulher.

É fato que ordenou a execução!

Mais em que condição? O algoz não podia iniciar a execução com pecados, porque então estaria desqualificado para ser o agente do juízo para a vida daquela mulher. Seria portanto réu de culpa diante de Deus aquele que levantasse a mão para atirar a primeira pedra com pecados.

4) Uma descoberta surpreendente

Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?

Todos haviam deixado Jesus sozinho com aquela mulher. Uma linda oportunidade para a restauração completa das emoções e da alma daquela pobre pecadora.

O que poderíamos aguardar de Jesus nesta hora?
1 - Um sermão doutrinário muito duro antes de comunicar o perdão?
2 - Uma penitência sacrificial a ser paga por parte da mulher, que revelasse arrependimento para que pudesse ser liberada da sua dívida de pecado?
3 - Uma exclusão temporária e disciplinar da membresia da sua igreja? Vai passar seis meses sem tomar ceia!

Ele resolveu marcar para sempre o coração daquela mulher com a graça do perdão imediato.

Certo dia, tomei escondida a chave do carro do meu pai.

Tinha 13 anos de idade. Havia aprendido a dirigir sem a autorização e consentimento do meu pai. Dando umas voltinhas na usina onde meu pai trabalhava, terminei por falta de habilidade ao dar ré encontrando uma pilha de telhas Brasilit. Voltei para casa arrasado. Chorei por longas e intermináveis 3 horas. As minhas costas ardiavam ao imaginar a surra que levaria.

Quando papai chegou em casa, sendo informado pela minha mãe do ocorrido ele se dirigiu ao meu quarto. ***Solicitou-a que nos deixasse a sós no quarto.*** Aguardava uma pisa, ele me abraçou. Esperava um sermão enérgico, ele me afagou. Esperava uma disciplina ele me perdoou.

Disse-me: ***“Que surpresa! Fico feliz que tenha aprendido a dirigir. Não estou magoado com você. Apenas quero lembrar duas coisas:***

1- Ainda não é a hora de dirigir veículos

2- Seu erro vai custar alguns dias de trabalho do papai.

Agora levante-se! Lave o rosto e vamos jantar juntos. Não gostaria de jantar sem você”. Aquele que poderia ser o dia mais triste da minha vida se transformou no dia mais feliz. Havia experimentado a doce graça do perdão. Todo dia que meu pai saía ao trabalho ficava imaginando quantos dias foram necessários para pagar os estragos que produzi. Só voltei a dirigir com sua autorização.



Olhando Jesus para a mulher, perguntou: “Onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?

- Ninguém Senhor!

Então disse-lhe Jesus:

“Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais!” (Vv 10.11)

Muitos desconhecem o poder da graça e do perdão divino. Como Judas pensam que não há mais jeito para sua vida. Outros, como a mulher adúltera, experimentam um momento a sós com Jesus. Descubrem poder restaurador e perdoador do Mestre.

Agora vamos ficar de joelhos um pouco. Vamos ficar a sós com Jesus. Ao levantar você descobrirá que já não existem acusações, já não existem acusadores e que ele também não te condena.

“Vai-te e não peques mais!” Este é o único pedido em troca de tudo o que nos fez.